

Da dívida externa.

Quem escreve estas reflexões mora na França e está voltando de S. Paulo. Quem portanto se vê obrigado a coordenar duas perspectivas sobre a atualidade. Os media brasileiros destacam, entre os problemas atuais, o da dívida externa. Perfeito ponto de partida para a coofdenação das perspectivas. Não, por certo, no sentido pretendido pelos media: "Quantos dólares são devidos a governos e a bancos estrangeiros, e como devem e podem ser pagos?". Mas no sentido subentendido: "Quais são os valores que a sociedade brasileira deve ao exterior, e qual a responsabilidade que assumiu ao tê-los emprestado?". Sob a primeira formulação a pergunta é técnica, e interessa a economistas. Sob a segunda formulação é ela existencial, e interessa a todo brasileiro pensante.

Formulada assim, a pergunta tem, aparentemente, resposta óbvia: "Praticamente todos os modelos de conhecimento, de comportamento e de vivência são devidos ao estrangeiro". Toda ciência e tecnologia brasileira, todo pensamento político-social brasileiro, (desde o liberal e conservador até o católico e marxista), todas as tendências filosóficas e artísticas brasileiras, obedecem a modelos elaborados na Europa e nos Estados Unidos. O brasileiro pensa, age e vive dentro de modelos alheios. "Alienação" é isto. A dívida externa brasileira está sendo paga pelo preço da incapacidade de adequar os modelos, importados a crédito, à realidade vivida. O clima fantasmagórico que tanto impressiona o visitante das terras brasileiras, (a cidade de S. Paulo não se adequa nem ao seu contexto geográfico e histórico, nem aos que a habitam), é prova do pagamento quotidiano de tal dívida contraída pela sociedade brasileira.

Mas tal resposta, aparentemente óbvia, não satisfaz nem a quem mora no Brasil, nem a quem o visita. Quem mora no Brasil argumentará contra tal resposta, atacando-a de dois lados. Apontará, de um dos lados, vários modelos autóctonos, (econômicos, políticos, artísticos), como prova da emancipação paulatina da dívida contraída, e insistirá na adaptação sempre mais satisfatória dos modelos importados ao contexto brasileiro. E argumentará, do outro lado, que a sociedade brasileira é "ocidental", e que portanto os modelos importados são adequados, e que se trata de dívida interna, não externa. Tal argumentação contraditória, nascida da angústia, não convencerá o visitante preocupado com a cena. Seu argumento contra a resposta aparentemente óbvia será outro:

Os modelos que o Brasil importou e continua importando da Europa e dos Estados Unidos, (modelos de automóveis, de usinas atômicas, de sistemas econômicos e administrativos, de modas, de filosofias, da cultura da massa e da elite), são, todos, modelos ligeiramente ultrapassados. E são vendidos por preços excessivos. A Europa e os Estados Unidos exportam, a preço monetário e existencial excessivo, modelos já gastos. "Imperialismo" é isto. Mas isto não é tudo. Os modelos exportados a crédito pela Europa e os Estados Unidos não têm mais crédito nos países de origem. São eles produtos de todo um estar-no-mundo, (o "burgues-progressista"), que está sendo questionado. Há crise de confiança na validade dos modelos ocidentais no Ocidente. O Ocidente vende a crédito coisas nas quais ele próprio não acredita.

A dívida externa brasileira foi contrada com falsos credores. Foi dívida de má fé. Nada devo a quem me vendeu gato por lebre. A quem me vendeu modelo de automóvel sabendo que isto tornará minha locomoção mais difícil. A quem me vendeu sistema administrativo sabendo que isto tornará minha vida insuportável. Por certo: o vendedor argumentará que a culpa é de quem compra. Basta olhar a cena europeia e americana, dirá o vendedor, para constatar-se que os modelos vendidos não prestam. Mas o argumento é fraco. Os modelos importados vêm embrulhados em publicidade dos mass media, e em conversa ideologicamente e tecnicamente fiada, o que torna invisível, aos olhos do comprador, a sua qualidade discutível. Diante de um árbitro imparcial, (por exemplo diante a história), a dívida brasileira é nula.

No entanto, pouco adiantaria ganhar tal processo. Se o devedor depende do credor para sobreviver, e se o credor ameaça falir, nada fica resolvido com suspensão de pagamentos. Outra solução deve ser procurada. Existe. Curiosamente, e sem que a maioria disto esteja conciente, a relação "credor-devedor" está se invertendo. A Europa e os Estados Unidos estão sofrendo carência de modelos "alternativos", que possam substituir os modelos "progressistas" falidos. E procuram por tais modelos no Terceiro mundo: cocó de vaca hindú como fonte de energia, organização tribal africana como nova forma de família, misticismo Zen como religiosidade alternativa, o mandarinado confuciano como instituição adequada à sociedade robotizada. A Europa e os Estados Unidos estão desesperadamente tentando vê se o Brasil pode pagar pelos modelos imprestáveis que deve com modelos mais promissores.

O problema da dívida externa brasileira é pois este: O Brasil importou modelos duvidosos, e está pagando por eles pelo preço da alienação individual e coletiva. Poderia saldar a dívida, se conseguisse elaborar modelos alternativos, e exportá-los aos seus credores. Para poder fazê-lo, no entanto, seria preciso que a sociedade brasileira se desse conta que os modelos importados são de fato duvidosos. Pois é precisamente isto que é impossível. O Brasil importa modelos duvidosos há tanto tempo, e com tanta precipitação, que a importação de mais modelos do mesmo tipo lhe parece indispensável para a sua sobrevivência enquanto sociedade. O Brasil está drogado de modelos duvidosos. É o círculo vicioso da alienação progressiva. Quanto menos adequados os modelos importados, tanto mais necessários se tornam. Pois é precisamente tal vício do círculo da dívida externa que impressiona o visitante. Quanto menos o exportador acredita nos seus modelos, tanto mais o importador depende deles. O que ameaça os dois de morte.